

# Adélia Prado – Para o Zé

Eu te amo, homem, hoje como  
toda vida quis e não sabia,  
eu que já amava de extremoso amor  
o peixe, a mala velha, o papel de seda e os riscos  
de bordado, onde tem  
o desenho cômico de um peixe – os  
lábios carnudos como os de uma negra.  
Divago, quando o que quero é só dizer  
te amo. Teço as curvas, as mistas  
e as quebradas, industriosa como abelha,  
alegrinha como florinha amarela, desejando  
as finuras, violoncelo, violino, menestrel  
e fazendo o que sei, o ouvido no teu peito  
pra escutar o que bate. Eu te amo, homem, amo  
o teu coração, o que é, a carne de que é feito,  
amo sua matéria, fauna e flora,  
seu poder de perecer, as aparas de tuas unhas  
perdidas nas casas que habitamos, os fios  
de tua barba. Esmero. Pego tua mão, me afasto, viajo  
pra ter saudade, me calo, falo em latim pra requintar meu  
gosto:

“Dize-me, ó amado da minha alma, onde apascentas  
o teu gado, onde repousas ao meio-dia, para que eu não  
ande vagueando atrás dos rebanhos de teus companheiros”.  
Aprendo. Te aprendo, homem. O que a memória ama  
fica eterno. Te amo com a memória, imperecível.  
Te alinho junto das coisas que falam  
uma coisa só: Deus é amor. Você me espicaça como  
o desenho do peixe da guarnição de cozinha, você me garante,  
tira de mim o ar desnudo, me faz bonita  
de olhar-me, me dá uma tarefa, me emprega,  
me dá um filho, comida, enche minhas mãos.  
Eu te amo, homem, exatamente como amo o que  
acontece quando escuto oboé. Meu coração vai desdobrando

os panos, se alargando aquecido, dando  
a volta ao mundo, estalando os dedos pra pessoa e bicho.  
Amo até a barata, quando descubro que assim te amo,  
o que não queria dizer amo também, o piolho. Assim,  
te amo do modo mais natural, vero-romântico,  
homem meu, particular homem universal.  
Tudo que não é mulher está em ti, maravilha.  
Como grande senhora vou te amar, os alvos linhos,  
a luz na cabeceira, o abajur de prata;  
como criada ama, vou te amar, o delicioso amor:  
com água tépida, toalha seca e sabonete cheiroso,  
me abaixo e lavo teus pés, o dorso e a planta deles  
eu beijo.

**Adélia Prado, Poesia reunida**